

A recente fusão de duas empresas têxteis de grande porte no Brasil, Hering e Arezzo, repercutiu nos meios de comunicação brasileiros. A notícia parece ser posta nos meios de comunicação, sem interessar a mais do que os empregados que podem perder os empregos.

A notícia da fusão relata o tamanho das duas empresas juntas, com inúmeras lojas, com receita de tantos e tantos milhões, etc. etc. etc... Não obstante, a fusão se dá em um momento de dificuldade para o setor têxtil nacional, por conta da expansão da capacidade produtiva asiática.

Ao tentar imaginar o que pensam aqueles que decidiram pela fusão, há somente três possibilidades: um colosso, ações, e a questão política. Há que se analisar essa questão têxtil do ponto-de-vista globalizado, ou seja, frente à concorrência do têxtil asiático de chineses e indianos.

A primeira visão, da formação de um colosso, tem pouca chance de ser longa. Duas empresas em declínio, só fazem cair juntas no caso de fusão. A questão é administrativa. Nenhum dos comandantes teve a capacidade de formar um colosso sozinho. Logo, ninguém pode adminstrar o colosso.

Existe a possibilidade da fusão ser uma jogada de marketing para elevar o preço das ações, para depois serem vendidas a algum investidor ainda maior. E essa tão pouco se mostrou eficaz. Parece que os investidores estão escolados: imediatamente após a fusão, as ações das duas empresas caíram.

A terceira possibilidade, mais provável como verdadeira, é a questão política, manutenção de poder, tocar a opinião pública, a redução de danos.



Estamos vendo nos últimos anos uma manobra para evitar a palavra falência. Cada empresa grande que quebra, é incorporada por outra empresa maior.

Dessa forma, aquilo que passava por incompetência e falência, adquire o status de manobra mirabolante que beneficia às grandes empresas.

Como se fosse tudo um plano dos superricos, de provocar crises para comprar excelente empresas por um preço significativamente menor.

Os casos mais evidentes e mais recentes são os dos bancos norte-americanos, que estão quebrando e sendo incorporados por bancos maiores. Não obstante, o leitor bem informado está consciente de que, pouco tempo depois de incorporarem bancos falidos, aqueles que lhes incorporaram.

E a situação está desenhada de tal modo, a indústria têxtil brasileira está de tal forma obsoleta, o mercado interno está de tal forma debilitado, que tal fusão de dois grandes, conforme relatam os meios, não faz a mínima sombra sobre as, realmente gigantes, chinesas, como a Shein.

Pode considerar que essa campanha de, digamos, desinformação, não tem a mínima possibilidade de influenciar o leitor bem informado. A questão é que, nem os empregados operacionais de fábricas têxteis, nem o eleitorado de países de Terceiro Mundo não é composto de leitores bem informados.

Parece ser essa a questão pertinente, a manutenção de influência, a manutenção do status de especialistas, a manutenção da justificativa de privilégios que a classe oligárquica mantém desde o tempo da colônia. Antes os reis se justificavam pelo poder divino. Agora é a questão da aptidão administrativa.